

Educação antirracista, mídia e identidade: reflexões sobre práticas pedagógicas na disciplina de língua portuguesa¹

Amanda VIEIRA²

Maeles C. GEISLER³

Schirley S. S. GRAMKOW⁴

Sandro L. S. GALARÇA⁵

Universidade Regional de Blumenau, Furb, Blumenau, SC

RESUMO

Este artigo tem como temática a comunicação antirracista por meio da discussão acerca de raça e identidade. Objetiva-se discutir sobre o papel da escola como promotora de uma educação antirracista, por meio do estudo e análise crítica da mídia quanto ao seu impacto na construção da identidade dos estudantes. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo e exploratório. A base teórica discute os temas educação, tecnologias e mídia. Como principal resultado aponta-se que o uso crítico e reflexivo do cinema e da literatura pode transformar essas ferramentas em instrumentos antirracistas, evitando a perpetuação de desigualdades e o apagamento de culturas subalternas nas práticas pedagógicas.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Educação; Educação Antirracista; Mídia e Educação; Racismo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho, de natureza qualitativa, caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, exploratório-descritiva. Nesse sentido, objetiva-se discutir possibilidades e desafios de se trabalhar com a mídia, tendo em vista seu impacto na formação da identidade dos estudantes. A proposta é voltada para a disciplina de Língua Portuguesa, no qual o professor pode trabalhar essas questões por meio da literatura e do cinema.

A mídia e seu impacto na formação da identidade dos estudantes; em um

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de Blumenau (PPGE/Furb). Bolsista da CAPES. *E-mail:* amavieira@furb.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1139-7931>.

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de Blumenau (PPGE/Furb). *E-mail:* mcgeisler@furb.br. ORCID: <https://orcid.org/000-00002-3791-440X>.

⁴ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de Blumenau (PPGE/Furb). *E-mail:* sgramkow@furb.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8758-3785>.

⁵ Doutor em Teoria Literária (UFSC). Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/Furb). *E-mail:* sgalarca@furb.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6936-7455>.

contexto social marcado por desigualdades e racismo estrutural, a educação assume um papel crucial na formação de cidadãos críticos e conscientes.

Nesse cenário, a aula de Língua Portuguesa se apresenta como um espaço fértil para o debate sobre a mídia e seu impacto na construção de identidades. Este estudo propõe uma abordagem decolonial e antirracista para o ensino da Língua Portuguesa, reconhecendo as falhas do ensino tradicional e buscando alternativas que promovam a reflexão crítica e a construção de identidades plurais. A análise crítica da mídia, em suas diversas formas, torna-se fundamental para desmascarar os mecanismos de dominação e silenciamento que perpetuam estereótipos e marginalizam minorias.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A literatura, o cinema e a mídia digital, quando utilizados de forma crítica e reflexiva, podem ser ferramentas poderosas para a construção de uma educação emancipadora. É necessário mobilizar práticas que possibilitem o desenvolvimento da criticidade dos estudantes quanto ao consumo da mídia e para a produção para esses meios. Nas palavras de Galarça (2019, p. 12), “não é possível educar somente para a recepção da mídia, mas tendo em vista a *internet*, é preciso também educar especialmente para “a emissão e produção para estes meios””.

Faz-se necessário refletir sobre a colonialidade do poder, consequência colonial que cria uma sociedade estruturalmente racista. Quando analisamos essa “forma de controle social” da mídia, podem-se inferir os padrões de ser e saber, por exemplo – que são eurocêntricos. Quando a educação tradicional não reflete, não questiona o “dado”, quando não apresenta novas narrativas (subalternas), perpetua esses ideais racistas e a educação nunca pode formar cidadãos livres.

Quijano (2005) explica que a ideia de raça foi criada no período de colonização das Américas como forma de legitimar o processo colonial e que a colonialidade do poder é as estruturas de dominação e hierarquia coloniais que influenciam e moldam as relações sociais, políticas e culturais contemporâneas. O poder baseado na colonialidade implica em uma perspectiva de conhecimento no qual o não-Europeu é inferior, primitivo, passado. Existindo, pois, um passado, surge o “futuro”, a modernidade: que acontece somente para os brancos europeus.

Mignolo (2017) discute que a abordagem decolonial visa desafiar essa lógica

da modernidade/colonialidade e promover outras formas de conhecimento e relações sociais. O ensino de literatura dentro da perspectiva eurocêntrica encontra dificuldades em sua aplicação, como a falta de interesse dos estudantes, a desconexão cultural etc.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

O ensino de literatura por um viés decolonial busca questionar as narrativas hegemônicas e refletir sobre as implicações dessas questões no ensino e na formação de identidades dos estudantes. Foca, portanto, na maneira como os assuntos são trabalhados em vez de apenas no que é ensinado. Por fim, existem diversas possibilidades de trabalho na aula de Língua Portuguesa que tenha um viés crítico e reflexivo do uso da mídia, seu consumo e produção, a partir de discussões do campo artístico literário: seja literatura seja cinema.

As Tecnologias Digitais da Informação de Comunicação (TDICs) podem ser usadas para democratizar o acesso ao conhecimento e ampliar a diversidade de perspectivas nas salas de aula; pode envolver a incorporação de vozes e conhecimentos historicamente marginalizados, desafiando as narrativas eurocêntricas dominantes. Além de facilitar a comunicação global e o compartilhamento de experiências entre diferentes culturas e sociedades, o que pode contribuir para a descentralização do poder e a promoção de uma educação mais inclusiva.

A concepção de educação adotada nesta pesquisa se baseia nos estudos de Paulo Freire. Para o autor, a educação é algo maior que somente o processo de aprendizagem [formal, de conteúdos escolares]. Em sua obra “Pedagogia do Oprimido” (2003, p. 50), Freire afirma que a existência humana exige a palavra verdadeira, e “não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí, que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo.”.

Desta forma, a palavra inautêntica, sem sua dimensão de ação, é alienada e alienante. Portanto, “este, que é ação pela ação, ao minimizar a reflexão, nega também apráxis verdadeira e impossibilita o diálogo” e, nesse sentido, “gera formas inautênticas de pensar, que reforçam a matriz em que se constituem.”. (Freire, 2003, p. 50).

Os meios de comunicação moldam a nossa percepção do cenário social (Baccega, 2003; Martín-Barbero, 2014) ao escolherem os pontos de vista mais

adequados para nos vender como a Verdade sobre determinados fatos. Essa construção do cenário pelos meios de comunicação é influenciada pelas relações de poder e pela natureza da sociedade contemporânea, em que os meios de comunicação desempenham um papel crucial na produção de significado e na construção da realidade em todas as suas manifestações.

A comunicação, assim, se torna uma das instituições que moldam o pensamento, destacando a importância do prestígio do discurso e da autoridade de quem o emite. A formação de cidadãos hoje requer uma habilidade crítica para interpretar os meios de comunicação e compreender seus valores e posicionamentos ideológicos (Baccega, 2003; Galarça, 2019). A escola desempenha um papel crucial ao democratizar o acesso dos alunos ao “mundo”, ao ajudá-los a discernir entre as diferentes perspectivas e informações fornecidas pela mídia. As mudanças tecnológicas dos últimos anos, por meio dessa revolução dos aparelhos eletrônicos digitalizando-os, permite novas possibilidades de interação sobretudo na área da comunicação.

As conexões permitidas com a internet estão modificando a forma de como se consome e se produz a cultura. No ciberespaço, termo de Pierre Levy, compartilhamos significados nos trazendo um “senso de pertencimento” (Hall, 2016, p. 20) a um lugar que ultrapassa barreiras físicas e temporais. Esse cenário digital interfere e regula nossas práticas sociais alterando os modos de produção de sentidos. De acordo com o autor, “damos sentido às coisas pelo modo como as utilizamos ou as integramos em nossas práticas cotidianas” (Hall, 2016, p. 21). Pertencer a uma determinada cultura na pós-modernidade implica em diferentes cruzamentos dentro e fora do ciberespaço apresentando outra forma de comunicação e informação. As conexões na pós-modernidade se configuram digitalmente impulsionando fluxos e fortalecendo laços entre nações. Hall (2006), aponta três possíveis consequências da globalização nas mudanças das “identidades culturais”.

A disciplina de Língua Portuguesa proporciona diversas possibilidades de atuação no campo artístico-literário, no qual o cinema e a literatura se entrelaçam. Nesse sentido, é necessário que o professor desta disciplina explore as múltiplas formas de como a linguagem pode ser moldada e expressa por meio da escrita e da imagem, tanto na literatura quanto no cinema. O cinema, como forma de arte dinâmica, exerce um fascínio singular ao cativar e entreter públicos por meio da fusão de imagens em movimento e sons. No entanto, sua influência transcende as

fronteiras do próprio meio, permeando a esfera literária de maneiras multifacetadas, influenciando a estética e a narrativa dos escritores. Nesse contexto, é primordial reconhecer que a influência do cinema sobre a literatura pode ser interpretada de maneiras diversas, variando conforme a perspectiva e os objetivos do autor. Segundo Bona (2021), O cinema possui nuances e interfaces não somente com a literatura, mas com a televisão e até mesmo, o próprio cinema.

Os filmes podem usar livros como inspiração para fazer adaptações que mostrem a história e os personagens. E, do outro lado, os escritores podem usar truques de cinema para fazer suas histórias mais emocionantes e reais. Isso faz com que as histórias sejam contadas de jeitos diferentes. Ao incluir o cinema nas aulas de literatura, os professores podem oferecer uma abordagem mais dinâmica e multidisciplinar, permitindo que os alunos explorem as conexões entre essas duas formas de arte e desenvolvam uma compreensão mais profunda das narrativas e da expressão criativa.

CONCLUSÃO

Compreender o discurso no qual os estudantes estão inseridos e de que forma estão se relacionando com a mídia possibilita uma ação-pensamento do professor para auxiliar numa interação crítica e autocrítica. E, assim, educar para a mídia e por meio dela tendo o conhecimento das transformações globais no processo identitário do homem pós-moderno. É preciso “enfrentar os protocolos sociais, culturais e políticos que existem em torno da tecnologia e definir como utilizá-los” (Jenkins, 2008, p. 277).

Projetando a literatura como uma forma de humanizar e observar o processo histórico de grupos subalternizados, assim como o cinema, a produção de conhecimento nesse processo acessa sensibilidades e emoções que pertencem ao campo do corpo humano e das suas responsabilidades na sociedade como cidadão crítico, participativo e antirracista.

O papel do professor como agente ativo por meio de práticas antirracistas é transformar de alguma forma o cenário de opressão que está presente nas escolas, com escolhas a partir desse conhecimento, fazendo do profissional um educador que opta por não mais silenciar, mas sim agir. A seleção dos objetos de estudo pode modificar o olhar do estudante em relação às questões raciais, ao promover obras

com autores e personagens negros e indígenas, ao se referir à história da escravidão como algo que perpetua o racismo estrutural. Essa é uma atitude lúcida de consciência social, política e humana, negando participar na perpetuação das injustiças. Essas práticas precisam estar presentes durante todo o ano letivo e não se resumir ao Dia da Consciência Negra, o dia 20 de novembro, ou ao Dia dos Povos Indígenas, dia 19 de abril.

Tanto o cinema quanto a literatura participam do cotidiano da sociedade e em grande parte reforçam o racismo e as desigualdades sociais. É um desafio aos educadores se apropriarem dessa arte para fazer delas objetos também antirracistas e não como usualmente são: uma forma de potencializar o racismo. Esta decisão é de responsabilidade de quem ensina independente do componente curricular.

Como resultados apontam-se a necessidade do professor planejar sua aula a partir da reflexão acerca de suas escolhas pedagógicas – pois todas as nossas escolhas possuem uma dimensão política, mesmo que seja inconsciente. Nossa omissão e/ou nosso silêncio acabam reproduzindo conhecimentos específicos e dão preferência ao ensino de certas culturas em detrimento de outras, o que resulta no apagamento do ensino das literaturas negras e indígenas, enquanto prioriza “clássicos” portugueses, ingleses, russos, franceses, americanos.

E, por fim, a importância de reconhecer os desafios que precisam ser superados, pois é possível maximizar o potencial pedagógico dessa abordagem interdisciplinar proposta – especialmente considerando os avanços tecnológicos e mudanças nas práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

- BACCEGA, Maria Aparecida. **Televisão e escola**: uma mediação possível?. São Paulo: Ed.SENAC, 2003. 132p, il. (Ponto futuro, 14).
- BONA, Rafael José. **Comunicação e educação**: intertextos, reflexões e propostas. Curitiba:Appris, 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 35a Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. 184p.
- GALARÇA, Sandro Lauri da Silva. Jornalismo e educação: interfaces possíveis. **ECCOM -EDUCAÇÃO, CULTURA E COMUNICAÇÃO**, v. 10, p. 191-204, 2019.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, 2016.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.
- MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, p. e329402, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.17666/329402/2017>. Acesso em: 29.ago.2023.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura deSousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. 2009.